É AMANHÃ INAUGURADO O PALÁCIO DA JUSTIÇA

Aveiro, 7 de Julho de 1962 * Ano VIII * N.º 402

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

Impressões duma visita

Artigo do DR. FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES

A oportunidade da visita ao novo Tribunal seguiu-se à publicação do meu anterior artigo.

Trouxe comigo a melhor das impressões; e se, no final, me permito um ou outro pequeno reparo, quero frisar desde já que no meu espírito não ficou afectada, por forma alguma, a impressão da magnificência do conjunto.

Conhecia o projecto e sabia da disposição do Ministro de nada sacrificar a critérios de poupança — quantas vezes errados e acabando, de comum, por se tornarem onerosos. Não obstante, fui agradável e comovidamente surpreendido com o que a meus olhos se deparou, desde a concepção ao acabamento, ao arranjo, à decoração.

Há requintes que não podem classificar-se de sumptuários; sensibilidade que não posterga o que de austero a obra exige; modernismo, sem quebra da linha clássica, como o impõe o carácter da Casa; obediência a objectivos funcionais, sem a secura das soluções extremas. Sob todos os aspectos, o edifício honra a cidade e dela é, no género e de longe, a sua melhor jóia.

As decorações mereceram-me especial atenção.

A estátua da Justiça, magnífica de linhas, de sentido, de equilíbrio, foge, e bem, à mulher de olhos vendados e balança nivelada. Euclides Vaz, que é nosso por ser de Ílhavo, pôs nela todo o seu muito talento, todo o seu poder criador. Do monumento a João Afonso de Aveiro, também da sua autoria, à estátua da Justiça há nítida ascese. No domínio da estatuária, o artista é já dos primeiros.

Vem depois o painel em autêntico mosaico veneziano — o mais rico material de decoração —, com 80 m2, que cobre a parede Norte, subindo do «hall» da entrada ao do primeiro andar. António Lino, que tanto se tem dedicado ao mosaico e se consagrou no desenho dos selos da série dos reis da primeira dinastia — que tão justa fama alcançaram aquém e além-fronteiras — representou no painel as obras de misericórdia, e fê-lo com rara

Continua na página 7

DEAN RUSK em Portugal

Por M. LOPES RODRIGUES

Como última etapa da sua recente viagem diplomática à Europa, o sr. Dean Rusk, actual Secretário de Estado norte-americano, veio conferenciar com o Governo Português.

Todos seguimos, com natural curiosidade e interesse, os pormenores desta visita ao nosso País, desde a chegada à partida do «Boeing» do Aeroporto da Portela.

Este interesse era absolutamente justificável, uma vez que essa visita se revestia, para nós, portugueses, de um alto significado, tendo em vista as atitudes que os E. U. A. assumiram ùltimamente para com Portugal na Organização das Nações Unidas e em presença dos interesses que eles pretendem assegurar para a sua defesa própria na conjuntura perturbante e ameaçadora dos nossos dias, sobretudo no referente às posições-chave de que somos donos e senhores.

Nesta viagem do sr. Dean Rusk pela Europa não houve, contra o habitual, os costumados comunicados à Imprensa. Assim, não podemos ajuizar, com fidelidade, do ambiente e das consequências imediatas das conferências havidas; e é bom que tal tenha sucedido, pois já é tempo de, em vez de precipitadas resoluções e declarações — que têm sido um dos grandes defeitos da diplomacia americana dos últimos anos —, se dê aso a maduras reflexões, conducentes a estabelecer o equilíbrio e o acerto dos convenientes procedimentos resoltivos, já que deles depende não só a defesa da paz coma a construção de todo um conjunto de disposições à altura de poderem assegurar essa paz, a todos dando a certeza de que poderão viver tranquilos e dedicarem-se à tarefa meritória de contribuirem para um Mundo melhor, de solidariedade, de entendimento e de fraternidade.

Ao descer do avião que o conduziu a Lisboa, depois das suas estadias em Paris, Roma, Bona e Londres, Dean Rusk, acompanhado de uma importante e numerosa comitiva — cerca de 30 pessoas — mostrou-se sorridente, bem disposto e

Continua na página 5

A «DOMVS IVSTITIÆ»

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

O novo e majestoso edifício desenvolve-se em três pisos. No primeiro, ficarão instalados os serviços de Notariado, do Registo Civil e do Registo Predial; cada um deles será servido por amplas secretarias para o público e por gabinetes independentes para os chefes respectivos. Assim, os serviços de Notariado ficarão dotados com uma sala para escrituras e gabinetes para cada um dos notários; os serviços do Registo Civil, com um gabinete para o Conservador, uma sala para casamentos e uma dependência onde se procederá às formalidades legais atinentes à obtenção dos bilhetes de identidade.

No primeiro pavimento, estão ainda instalados um arquivo, uma casa-forte e várias dependências destinadas ao público. No segundo pavimento ficam todos os serviços dos tribunais da comarca (1.º e 2.º juízos). Ficarão a

Continua na página 7

UM PORMENOR DA FACHADA PRINCIPAL

A Mensagem do Lusíada ANTÓNIO NOBRE

POR RIBEIRO COUTO

3

ENQUANTO não forem conhecidas as cartas de Paris, escritas em 1890 e 1891 por António Nobre a Alberto de Oliveira, cartas por este consideradas um «*diário impublicável pela natureza pessoal e íntima do seu conteúdo*», não poderemos estudar convenientemente essa fase da vida do poeta. Alberto de Oliveira escreve em tal ocasião: «*António Nobre, isento de qualquer doença que não fosse o seu mal de viver, a sua saudade da pátria, a sua angústia neurasténica em face dos mil pequenos contratempos inseparáveis de quaisquer vidas, ao mesmo tempo desperdiçava os seus dias em lamentações de aparência estéreis e acumulava no seu espírito as reservas de dor e de inspiração que de repente, numa explosão de génio que durou algumas semanas, geraram esse prodigioso livro, o «Só», que para sempre preservará da morte quem o escreveu.*»

O que sabemos de certo, sobretudo pelo depoimento do mesmo Alberto de Oliveira, é que «*Paris exerceu nele uma acção deprimente e ao mesmo tempo excitante.*» A sua delicada sensibilidade, até então preservada de aspectos crus ou

Continua na página 2

AVEIRO RECEBE AMANHÃ O MINISTRO DA JUSTIÇA

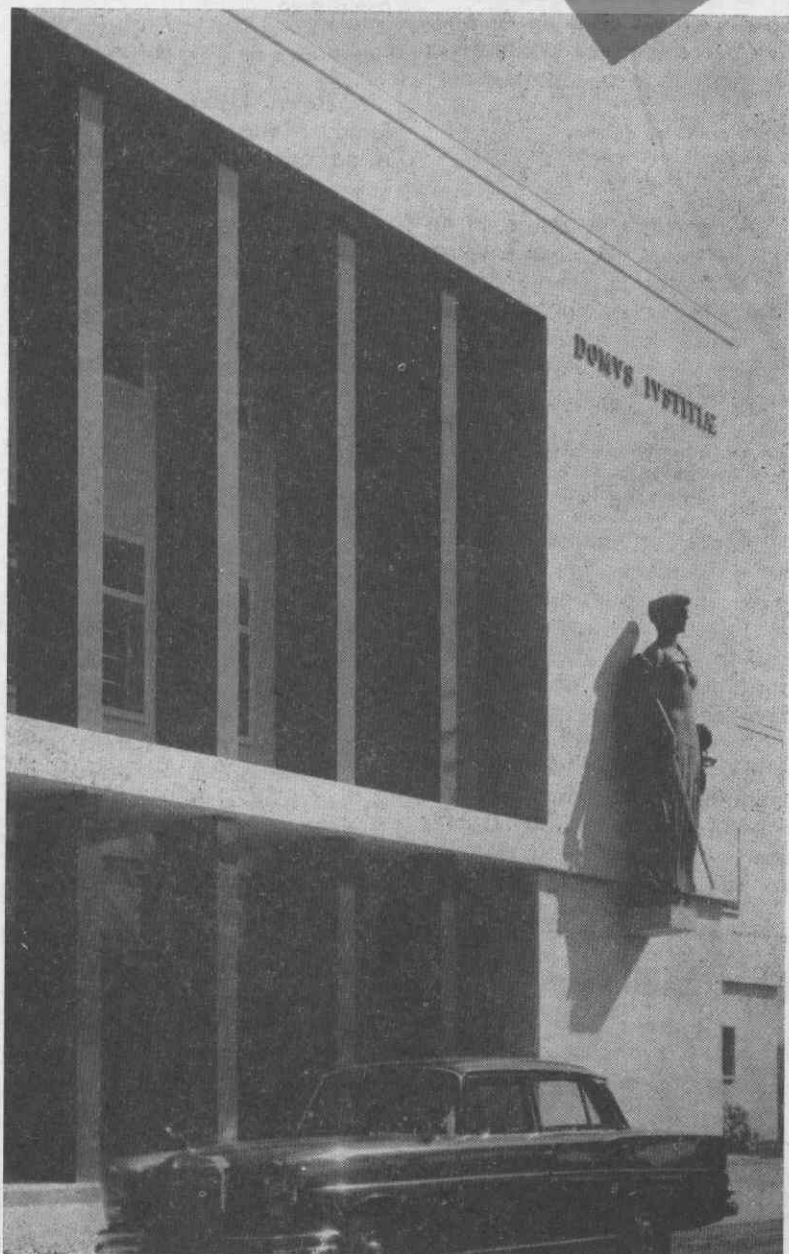
PROGRAMA

10.45 — *Chegada do Senhor Professor Doutor Antunes Varela ao limite Sul do concelho, na E. N. n.º 235, onde lhe serão apresentados cumprimentos.*

10.50 horas — *Organização de um cortejo automóvel em direcção a Aveiro.*

11 horas — *Chegada do senhor Ministro junto do Palácio da Justiça onde lhe serão prestadas honras militares por uma companhia a dois pelotões do Regimento de Infantaria n.º 10.*

11.10 — *O senhor Professor Doutor Antunes Varela*

Continua na página 4

A Mensagem do Lusíada

Continuação da primeira página

ANTÓNIO NOBRE

torpes da existência, parece ter considerado com aflição o que ele chamou de «*objeção de Paris*», daí generalizando até uma irremediável «*objeção do homem*». As dificuldades financeiras, até mesmo uma certa indisposição romântica para o que Agostinho de Campos chama «*a implacável prosa da vida*», agravaram aqueles estados de ânimo.

O facto é que (continua Alberto de Oliveira) «*esta visão do mundo lhe abateu a alma desde os primeiras horas do exílio, e o condenou a não extrair da grande cidade tentadora senão escasso prazer para a sua imaginação ou os seus sentidos /.../*», o que nele «*/.../ provocou, por agudo contraste, uma tão exasperada saudade de Portugal, uma visão tão intensa e luminosa do que logo ficou sendo para ele a virgindade da sua infância, a candura da alma portuguesa /.../* que do exílio «*amadureceu a força criadora e nacionalista do seu génio.*»

Castelo Branco Chaves, sublinha Adolfo Casais Monteiro no prefácio das «Cartas Inéditas», critica António Nobre «*por não achar nos seus versos um fundamento racional, nem tampouco social*». O autor de prefácio, por seu lado, considera que «*à obra de António Nobre, toda impregnada de mórbida comunhão com as coisas e os seres incompletos, anormais, desgraçados*» não se deve «*pedir uma visão optimista da vida, versos heróicos, estrofes gloriosas*».

Assim, é de certo modo estranho que os críticos e biógrafos de António Nobre, em Portugal, se tenham demorado sobre os aspectos sombrios e dolorosos da sua obra poética, sem destacar e interpretar a parte construtiva e sã, aquilo a que podemos chamar a mensagem do lusíada. Porquanto, desde que se integrou no clima da ausência, o que vemos despertar na voz de António Nobre é precisamente a confiança no valor do povo português, em «versos heróicos» e «estrofes gloriosas». Não importa que hoja, na expressão formal de tantos versos, «*o ritmo de um soluço humano que se prolonga*» — conforme já em 1892 escrevia Alberto de Oliveira. Tudo nessa voz, mesmo quando se lamenta e chora, trai o sentido da boa e salutar mensagem:

Sou neto de navegadores,
Heróis, Lôbos d'água, Senhores
da Índia, d'Aquém e d'Além mar!

Não se trata mais de pessimismo nem de desalento, aquele pessimismo e aquele desalento de que andavam impregnados os poetas do fim do século XIX. O desterrado está à lareira; faz frio e até gela o carvão. No entanto, ele recorda o «o reino d'Oiro e amores à beira-mar» e pensa nos rios do seu país, onde a memória vai beber consolo:

Águas do rio! águas dos montes!
Cantigas d'águas pelos montes
Que sois como amas a cantar...

Solitário no Bairro Latino, pensa em Portugal e escreve. «*Passam na rua os estudantes a vadrulhar*», e ele pede silêncio:

Meus camaradas! estudantes!
Deixai o poeta trabalhar.

O lusíada compõe o seu canto de confiança. As cenas da infância, as figuras que aí passam, até os mendigos, até os cães, compõem uma poderosa atmosfera de ternura:

O sino da Igreja tocava, à tardinha:
Que tristes seus dobres!
Era a hora em que eu ia provar à cozinha
O caldo dos pobres...

As velhas criadas nos «lentos serões» fiavam na roca, enquanto lá fora andavam mendigos que o Farrusco, ladrando, tomava por ladrões:

Andais à neve, sem sapatos,
Vós que não tendes que calçar!
. . . .
Corpos ao léu, vesti meus fatos!
Pés nus, levais êsses sapatos...
Basta-me um par.

Ao velho caseiro que nas «sachas de junho» vencia os mais trabalhadores, ele oferece o que tem.

Mas é para que logo a esperança lhe levante a fronte:

Moço Lusíada! criança!
Por que estás triste, a meditar?

Onde a «morbidez» dessa voz? Foi ela que trouxe à poesia da língua esse maravilhoso tom de intimidade com as coisas simples e as criaturas simples, com tudo o que há de ingénuo e corajoso na vida do povo lusitano. Ela é que restabelece a tradição do «sentimento heróico» no lirismo português.

O Lusíada do Bairro Latino só queria sentir a sua terra:

Vós sois estrangeiros! vós sois estrangeiros!
Ó poentes de França! não vos amo, não.

Para ela se volta ansioso:

Que ilusão viajar! Todo o planeta é zero!
Por toda a parte é mau o Homem e bom o Céu.
— Américas! Japão! Índias! Calvário!... Quero
Mas é ir à Ilha orar sobre a cova de Antero
E a Águeda beber água do Botaréu...

Por toda a parte andaram seus avós «navegadores», «Senhores d'aquém e d'além mar»; ele recolhia agora o tédio de tantas fadigas e decepções, pondo os olhos na distante e pura paisagem da sua terra:

Que hei de eu fazer? Calai essas canções imundas,
Cervejarias do Quartier! Rezai! rezai!
Paisagem, onde estás? Ó luar, águas profundas!
Ó choupos, à tardinha, altivos, mas corcundas,
Tal como aspirações irrealizáveis, ai!

Entretanto, «*não o torturava mais a Dor*». Depois de vender os seus livros e queimar o seu filósofo, não é só a crença em Deus e «*numa outra vida, além do Ar*» que o sustém no exílio; é a incarnação do seu casto amor; é Purinha que ele procura entre as meninas do seu reino:

Meninas, lindas meninas!
Qual de vós é o meu ideal?
Meninas, lindas meninas
Do reino de Portugal!

Infelizmente, as desgraças — não imaginárias, mas reais— vêm abater-se sobre o «moço Lusíada».

Aos vinte e oito anos, em 1895, foi pedir aos sanatórios da Suíça a cura da enfermidade que o minava. As suas cartas íntimas, ao irmão Augusto, mostram como era triste o seu estado e como o afligia a escassez dos recursos.

O pobre do «príncipe» é obrigado a fazer economias de selos do correio; vive a mudar de casa, na esperança de mais conforto sem aumento de despesa; chega a anunciar com alegria um «suplemento de ovos» ao almoço, que conseguiu graças a cinquenta cêntimos de abatimento na diária: «*Doravante poderei ter felizmente dois ovos todos os dias*».

Certo medicamento novo — Calcium, glicerina e potassium — era «*maravithoso*» e andava sendo receitado por um médico parisiense, mas custava «*caríssimo*».

Não obstante as repetidas hemoptises, vivia a pensar na sua nomeação de cônsul, pois «*tinha em Lisboa*» quem tratasse disso, quem o «*protegesse*».

Sempre em apertures de dinheiro, a poupar até remédios, até alimentos, nos quartos sem sol que custavam menos, António Nobre sofria por ser pesado à família: «*/.../ vou lutar para ser nomeado cônsul no Transvaal: é a 1.ª estação de saúde nesta doença. Peço-te segredo absoluto destes meus desejos*». Se não fosse possível, então iria para as Canárias, para a ilha de Tenerife, da qual alguém lhe falara com muito entusiasmo: «*O clima quente, a cozinha sadia e forte, com que habituei o estômago, decerto me farão melhor. Além disso (e isto é o principal) a vida lá, com tudo, tudo compreendido, até vinho e leite, é baratíssima: custa 4 fr. E 4 fr. com alguma saúde ganho eu, leccionando, ou escrevendo. Não quero ser-vos por mais tempo motivo de duros sacrifícios*».

As dificuldades materiais provocaram crises de abatimento, exacerbações de nervos que não raro redundavam em hemoptises. Ao irmão que insistia em que «*os seus descuidos*» o tinham posto naquele estado, suplicava que «*não lhe falasse mais em tais assuntos*», achava injusta a insinuação, afirmando que a sua existência até «*pecava por singela demais*». Queria sossego, paz de espírito: «*A sensibilidade é tudo em mim; seja eu feliz, que a doença não me mata.*»

Já então projectava outros livros, como se vê da sua correspondência — e projectava, até mesmo, ganhar a vida com eles. Sempre houve qualquer coisa de pueril no temperamento de António Nobre; teve muito de «menino mimado». Por isso, faziam-no sofrer exageradamente as naturais invejas e as perfídias de contemporâneos que nem lhe reconheciam o génio nem lhe estimavam a pessoa. Ele então ainda mais se fechava no seu pudor, no seu segredo, humilhado com a doença, a pobreza e o constante desmoronar dos seus castelos.

Quando, em Junho de 1896, desce de Clavadel, e ver se arranjava uma nomeação em Lisboa, é obrigado a recolher-se por uns dias a uma casa de saúde de Lausanne. Para pagar as diárias de 16 francos não tinha dinheiro, nem o tinha no momento o irmão Augusto; suplicava-lhe então que o consiga por empréstimo, porque ele pagará: ia «*receber dentro de dois meses dinheiro de um novo livro*».

Esse livro seria talvez o seu poema «O Desejado», que ali preparava.

«O Desejado», publicado por José Pereira de Sampaio (Bruno) no volume póstumo das «Despedidas», em 1902, não teve a mesma repercussão do «Só». Entretanto, nesses fragmentos, ora líricos, ora épicos, do poema incompleto, está a mais pura matéria tradicional portuguesa: está também a esperança nacional reconquistada. O Lusíada enfermo, porém confiante, apela ainda uma vez para a sombra protectora do inspirador de energia:

Ó Luís de Camões e da esperança!
Ao pé de ti sou uma criança,
Mas ouve cá.

O sentido conscientemente construtivo da obra de António Nobre condensa-se no mistério do ingénuo e ousado desafio:

Vamos cantar ao desafio,
À sua janela, sobre o rio,
Ver qual mais dá...

A raça não se amoleceu na «vil tristeza». Virtuosa e brava como dantes, só diante do Senhor ela se humilha, porque no mais é destemor e audácia; podem vir naus «*de toda a terra, de todo o mar*»:

Que eu só por entre elas e o Oceano
Na minha nau a todo o pano
Hei-de passar!

Em «O Desejado» vamos ter o esquema ideológico do renascimento português. O poeta transfigura o seu próprio destino, as suas viagens, a sua nostalgia, o seu ideal, as suas decepções, a sua pobreza, os escárneos que sofreu: nesse material de experiências pessoais põe o destino de Anrique, o herói do poema. Os filósofos que viu pelo Mundo riram-se da sua mística, da sua esperança em Deus. De volta ao reino, surpreende-se com tanta tristeza e desânimo:

Anda tudo tão triste em Portugal!
Que é dos sonhos de Glória e d'ambição?

Então, sai-lhe do peito o grito da anunciação:

Esperai, esperai, ó Portugueses!

Chegará um dia o rei da infalível grandeza e da infalível fartura:

Que ele há de vir, um dia! Esperai.
Para os mortos os séculos são meses
Ou menos que isso, nem um dia, um ai.
Tende paciência! finarão reveses;
E até lá, Portugueses! trabalhai.
Que El Rei-Menino não tarda a surgir,
Que ele há de vir, há de vir, há de vir!

Fácil, assim, é mostrar que, se nos anos de adolescente sofreu a influência de certos «*motivos literários*» e do pessimismo ambiente; se a sua personalidade ainda fluida viveu, por um transitório vício da imaginação, embebida num clima sombrio, de coveiros e fantasmas, «*regiões de treva, imensas, infinitas*» em que (fermentavam) «*noite e dia, estranhos parasitas*», — muito em breve, no seu exílio de Paris, recebendo a visitação da infância e da saudade, descobria o verdadeiro fundo da sua natureza poética. A evocação da virtuosa Purinha e do mar-bravo da costa portuense ajuda-o a formular o sentido da sua mensagem; é o regresso à tradição, à energia e ao povo, depois do contagioso desalento e das aventuras vãs do pessimismo romântico.

Tu voltarás a ser o que já foste,

diz ele a Lisboa, capital do reino, Metrópole do comércio e da construção de impérios.

: ... Lisboa
De ruínas e de glórias!
. . . .
Novas conquistas, outros galeões...
Grande e famosa acima das Nações,
Tu de novo o serás, porque as cidades
Têm várias mortes e ressurreições!
Outras infâncias, novas mocidades,
Arcos de flores, fachos purpurinos,

Os fragmentos de «O Desejado» têm, portanto, uma clara significação: são o canto daquela renascença que o poeta já pedia em 1890 na sua carta a Alfredo de Campos.

«O Desejado», aliás, está ligado ao «Só». Na essência, é a ordenação de temas anteriores.

No «Só», com excepção de algumas poesias mais antigas e de parte de outras, já estava bem definida a atitude instintiva e por igual consciente do poeta, iluminado por «*instantes de Camões*», como relâmpagos.

Desde o «Só» a mensagem estava nítida. A poesia de António Nobre restaura o reino da confiança e aponta à nacionalidade portuguesa o caminho do renascimento.

Ribeiro Couto

DESPORTOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

5 JOGOS EM 15 DIAS!

TORNEIO DE COMPETÊNCIA

Autorizado superiormente o alargamento da temporada oficial do futebol, para se poder completar o Torneio de Competência, a prova reaparece amanhã, com os jogos *Lusitano — Beira-Mar*, em Évora, e *Sporting de Braga — Vitória de Setúbal*, em Braga.

Nas restantes jornadas serão utilizados dois domingos (15 e 22) e duas quartas-feiras (11 e 18). Na próxima (dia 11), haverá os desafios *Vitória de Setúbal — Beira-Mar* e *Lusitano — Sporting de Braga* — com eles se concluindo a primeira volta deste decisivo e apaixonante torneio.

Temos, portanto, em consequência do desaproveitamento de imensas datas ao longo da época, que os clubes e os jogadores são forçados – em plena época estival, consabidamente imprópria e desaconselhada para a prática do desporto-rei — a um acréscimo de esforços, de canseiras e de preocupações, numa altura em que todos tinham jus a um merecidíssimo repouso. É que, além de mais, os atletas vão ser obrigados a efectuar cinco jogos em quinze dias! E sendo, como são na realidade, jogos de vida ou morte – bem se avaliará a anacrónica e falsa situação em que os grupos têm de actuar!

A concluir, apenas indicamos que os prélios se iniciam às 18 horas.

REMO

CAMPEONATO REGIONAL DE JUNIORES

Em organização do Clube Fluvial Portuense, efectuaram-se no Porto, na manhã de domingo, os Campeonatos Regionais de Juniores, que reuniram a presença de tripulações do Galitos, Náutico de Viana, Naval Infante D. Henrique, Sport Clube do Porto e do clube organizador.

Nas provas principais — shell de 4 *e* shell de 8 — *o Galito*s *conquistou nítidos e merecidos triunfos, justos prémios para o esforço de revitalização do remo aveirense que vem a ser desenvolvido pelos devotados dirigentes da prestigiosa Secção Náutica do Clube, e poderosos incentivos para os jovens e esperançosos remadores alvi-rubros.*

Nas regatas em que competiu, o Galitos venceu, com clareza e largas vantagens, o Fluvial (shell de 4) *e Náutico de Viana* (shell de 8).

As tripulações aveirenses estavam assim constituídas:

Shell de 4 — *Luís de Pinho Romão, António Carvalho de Sousa, Carlos Rodrigues Paiva, João Martins Pereira e António Pinho (tim.).*

Shell de 8 — *João Neves, Carlos Picado, José Velhinho, Paulo Reis, João Silva, Augusto Ferreira, Joaquim Costa, José Picado e António Pinho (tim.).*

AUTOMOBILISMO

Em Luanda, na tarde de domingo passado, realizou-se o CIRCUITO DA FORTALEZA, que reuniu a presença dos mais categorizados automobilistas nacionais — da Metrópole e da Província de Angola.

O jovem *volante* aveirense António Peixinho, em «Volvo», obteve um magnífico e brilhante triunfo na corrida reservada a carros de turismo melhorados até 1 500 c. c. — conseguindo uma média de 90,152 km./h. no termo das 25 voltas do percurso (cerca de 65 km.).

VELA

CAMPEONATO REGIONAL DE MOTHS DO NORTE

O Clube Naval de Aveiro, com a colaboração do Sporting de Aveiro, organizou nos passados sábado e domingo, na Costa Nova, o *VI Campeonato Regional de Moths do Norte*, que reuniu a presença de 13 velejadores, representando a Ovarense e os citados clubes citadinos.

Após as quatro regatas que compunham o campeonato, apuraram-se os seguintes resultados;

1.º — Helder Guimarães, Naval, 38.5 pontos; 2.º — Eng.º Mateus Augusto Anjos, Sporting, 35.5; 3.º — Bernardino Silva, Ovarense, 32; 4.º — Paulo Estrela Santos, Sporting 32; 5.º — Melo Vidal, Sporting, 29; 6.º — Manuel Duarte, Ovarense, 28; 7.º — Filipe Fonseca, Ovarense, 27; 8.º — João Borges, Ovarense, 17; 9.º — Mário Mieiro, Naval, 16; 10.º — José Xavier, Naval, 16; 11.º — Martins Pereira, Sporting, 14; 12.º — João Carlos Nóbrega, Naval, 9; e 13.º — Luís Filipe Mendes, Sporting, 5.

Por frotas, apurou-se este desfecho:

1.º — Sporting de Aveiro, 69.5 pontos; 2.º — Ovarense, 87; 3.º — Clube Naval de Aveiro, 65.5.

★ O navalista Helder Guimarães conquistou o troféu «Dr. José Clemente», de carácter perpétuo, instituído pelo Sporting de Aveiro em homenagem àquele seu saudoso e dinâmico dirigente — que foi um dos mais dedicados e entusiásticos desportistas que incrementaram as competições náuticas na Ria.

★ Nas várias regatas, a ordem da chegada dos primeiros foi a seguinte:

I — Helder Guimarães, Manuel Duarte, Paulo Estrela Santos e José Xavier.

II — Eng.º Mateus Augusto Anjos, Helder Guimarães, Bernardino Silva, Paulo Estrela Santos e Filipe Fonseca.

III — Helder Guimarães, Bernardino Silva, Melo Vidal, Filipe Fonseca e Eng.º Mateus Augusto Anjos.

IV — Eng.º Mateus Augusto Anjos, Helder Guimarães, Paulo Estrela Santos, Manuel Duarte e Bernardino Silva.

FUTEBOL

Jogo particular em Viseu

Académico, 1 — Beira-Mar, 9

Jogo em Viseu, no domingo, sob arbitragem do sr. José Meneses.

Académico — Helder; Mário, Silvino e Vítor; Silvério e Ramiro; Joia, João Pereira, Amadeu, Raul e Correia.

Beira-Mar — Bastos (Sidónio); Valente, Marçal e Girão (Moreira); Evaristo e Moreira (Ribeiro); Miguel (Garcia), Azevedo, Diego, Chaves (Correia) e Paulino.

A partida serviu de excelente treino para os beiramarenses, em vista aos jogos que ainda têm de realizar na presente época. Foi útil, portanto, já que plenamente se atingiu o fim desejado.

Pròpriamente sobre o jogo pouco há a referir, dada a enorme e incontestada superioridade dos beiramarenses que, mesmo sem forçarem o andamento do jogo, alcançaram um *score* deveras expressivo.

Ao intervalo, havia 2-0. Depois, o Beira-Mar chegou a 9-0 – golos DIEGO (3), MIGUEL (3), CHAVES (2) e PAULINO (1) —, obtendo então os visienses o seu ponto de honra, em golo de MARÇAL, nas próprias redes.

NÓTULAS DIVERSAS

● Amanhã, em Évora, o desafio Lusitano-Beira-Mar será dirigido pelo árbitro Dr. Décio de Freitas, de Lisboa.

● No domingo, na Taça Ribeiro dos Reis, os grupos aveirenses obtiveram estes desfechos:

Espinho, 2 - Boavista, 3

Covilhã, 3 - Oliveirense, 0

Castelo Branco, 3-Sanjoanense, 0

Amanhã, jogam: *Sanjoanense-Marinhense* e *Oliveirense-Castelo Branco.*

● Treinaram no Estádio de Mário Duarte dois possíveis reforços do Beira-Mar para a próxima época: o brasileiro Brandãozinho, que alinhava no Celta de Vigo, e Alves Pereira, do Sporting da Covilhã.

● Nos seus últimos desafios na Madeira, o Feirense averbou duas derrotas: 0-2, com o União, e 2-5, com o Marítimo.

JORGE SOARES

O jovem e valoroso sprinter *aveirense Jorge Soares, do C D U L — grande revelação do atletismo português na época finda — encontra-se de novo em forma apurada. Assim, em recente reunião internacional efectuada em Madrid, o nosso conterrâneo venceu os 100 metros planos, com plena autoridade, alcançando um tempo que seria* record *ibérico se não se houvesse verificado um erro na medição da pista (que se apresentava com menos 28 cm.!) Na palavra de parabéns que endereçamos a Jorge Soares, pretendemos igualmente englobar os melhores desejos de que, em breve, possa ser aureolado com os louros do atleta* MAIS VELOZ DA PENÍNSULA!

o mais veloz da península !

XADREZ DE NOTÍCIAS

Na sede da Federação Portuguesa de Andebol efectuaram-se, na segunda-feira, os sorteios dos jogos dos campeonatos nacionais de seniores e juniores.

As provas principiam no próximo sábado, com jogos em Aveiro e no Porto.

Basquetebol

★ *No passado sábado, dia 30, de Junho, num restaurante desta cidade, realizou-se uma reunião de confraternização entre os oficiais de basquetebol de Aveiro a ela assistindo os srs.: José de Almeida, dirigente da Comissão Central de A'rbitros de Basquetebol; Dr. José da Cruz Neto, Presidente da Comissão Administrativa da Associação de Basquetebol de Aveiro; Luís Porfírio Silva, Secretário do mesmo Comissão; e José Matos, Secretário da Comissão Distrital de A'rbitros.*

★ *No domingo, o sr. José de Almeida reuniu-se com os oficiais aveirenses de basquetebol, a fim de se escolherem e de lhe serem indicados os nomes dos futuros membros da Comissão Distrital de A'rbitros de Aveiro.*

João Gomes, da Ovarense, ganhou brilhantemente, no domingo, o Circuito de Cantanhede, em ciclismo.

Colectivamente, a Ovarense averbou nova vitória, batendo Benfica, Sporting, Porto e Ginásio de Tavira.

Artur Lago Queirós (1.ª categoria) e Manuel Lino da Paula (2.ª categoria) venceram, sem derrotas, o torneio de bilhar livre promovido pelo Sporting de Aveiro.

Dado o êxito da prova — cujos resultados gerais publicaremos na próxima semana —, está em estudo a organização de um torneio inter-clubes citadinos.

No Estádio de Mário Duarte, no último domingo, verificou-se um empate a duas bolas num encontro de futebol entre os grupos populares Carmo Futebol Clube e Estrelas do Rossio Futebol Clube.

Daniel, antigo treinador do Beira-Mar, que recentemente esteve ao serviço do Recreio de A'gueda e da Sanjoanense, será, na próxima época, orientador da Ovarense.

PESCA

Em organização do Clube Amadores de Pesca Reunidos, do Porto, realizou-se em Cacia, no domingo, o *XII Concurso Fluvial do Norte*, que reuniu a presença de quase três centenas de pescadores desportivos.

Apuraram-se estas classificações:

INDIVIDUAL — *Homens* — 1.º — Raul Paiva (Boavista), 4365 pontos; 2.º — Carlos Gonçalves (C. G. P.), 4055; 3.º — Eng.º Fernando Hogan (C. A. P.) 3974.

Senhoras — 1.ª D. Laurinda Amado (C. A. P.), 1265; 2.ª — D. Angelina Lima (A. P. R.), 598.

Juniores — 1.º — António Silva (Caciense), 596.

CLUBES — 1.º — Boavista, 12 205 pontos; 2.º — C. A. P., 11816; 3.º F. C. Porto, 5342; 4.º C. Natação de Ermesinde, 4212; 5.º — A. P. R., 3825; 6.º Fluvial, 3174.

EQUIPAS — 1.º — C. A. P. (B), 11 415 pontos; 2.º — Boavista (A), 6479; 3.º — Boavista (B), 5465; 4.º — C. A. P. (A), 3799.

A CIDADE

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado	SAÚDE
Domingo	OUDINOT
2.ª feira	MOURA
3.ª feira	CENTRAL
4.ª feira	MODERNA
5.ª feira	ALA
6.ª feira	M. CALADO

Pela Capitania

Movimento Marítimo

✱ Em 27 de Junho, com destino ao Porto, saiu o galeão-motor *Praia da Saúde*.

✱ Em 28, procedentes de Westmannisles, Islândia, e Lisboa, respectivamente, demandaram a barra o navio norueguês *Tom Strümer*, com bacalhau fresco, e o rebocador *Foz do Vouga*.

✱ Em 29, com destino a Vigo, saiu o barco alemão *Carl Wiederkehr*, em lastro.

✱ Em 1 de Julho corrente, com destino a Leixões, saiu o navio norueguês *Tom Strümer*, em lastro.

Motonáutica

Chama-se a atenção dos proprietários das embarcações de recreio, destinadas à prática da motonáutica, para o Edital número 15 da Capitania, publicado no dia 28 de Junho último, acerca da velocidade excessiva com que cruzam os canais da Ria, dando origem a prejuízos de vária ordem e a reclamações de terceiros, o que urge evitar e atender, nos termos das leis e regulamentos em vigor.

Posse do Juiz da Restaurada Comarca de Vagos

Na tarde de 29 do mês findo, realizou-se, na sala de audiências do Tribunal Judicial de Aveiro, a cerimónia da posse do Juiz da Comarca de Vagos, recém-restaurada, sr. Dr. João António Ataíde das Neves, que em Vila Nova de Ourém, donde vem transferido, afirmou as suas qualidades de integérrimo magistrado.

Presidiu ao acto o meretíssimo Juiz do 1.º Juízo da Comarca de Aveiro, sr. Dr. Silvino Alberto Vila-Nova, que iniciou a série de discursos, seguindo-se-lhe, no uso da palavra, os srs.: Dr. João Pinto Terrível, Conservador do Registo Civil de Vagos; Dr. José Perdigão, advogado de Vila Nova de Ourém; Dr. Álvaro Neves, Presidente da Delegação de Aveiro da Ordem dos Advogados; Albino de Oliveira Pinto, Presidente da Câmara Municipal de Vagos; Dr. Paulo Catarino, advogado na Comarca de Aveiro e Notário em Vagos; Dr. Faim Pessoa, antigo Notário e Subdelegado do extinto Julgado de Vagos; Dr. Augusto Condesso, que falou em nome dos fermentelenses, conterrâneos do empossado; e, por fim, o sr. Dr. Ataíde das Neves, para manifestar o seu reconhecimento pelas palavras que lhe haviam sido dirigidas e tecer oportunas e judiciosas considerações sobre a projecção e o significado da restauração da comarca onde agora vai judicar.

Todos os oradores que o precederam exaltaram os seus méritos intelectuais, profissionais e morais, relevando a sua personalidade bem ajustada às elevadas funções que tão proficientemente desempenha.

No acto registou-se a presença de numerosos amigos e admiradores do empossado.

Pela Legião Portuguesa

No Centro de Estudos Político Sociais de Aveiro, o sr Dr. José Cerqueira de Vasconcelos pronuncia uma palestra, na próxima quarta-feira, dia 11, pelas 21.30 horas, falando sobre o tema «Anatole France e Maurice Barré — Um Antagonismo da Inteligência Fracesa na Formação da Juventude»

À sessão poderão assistir, como habitualmente, todas as pessoas interessadas.

Pela Mocidade Portuguesa

Campos de Trabalho

Na Delegação Distrital da M. P. em Aveiro prestam-se informações sobre a realização, em 1962, de Campos de trabalho na Espanha, França, Alemanha, Holanda, e Suécia, e dedicados às seguintes actividades: trabalhos sociais, agrícolas, florestais, construção, arqueologia, fabris, vindimas, pintura, etc..

A Delegação — a funcionar das 14.30 às 19.30 horas (telef. 22320), excepto nos sábados — dispõe ainda de elementos sobre as várias Pousadas de Juventude na Europa, destinadas ao turismo juvenil.

Curso Sobre o Romance Português

Na sede do Clube dos Galitos, o Professor Doutor Vitorino Nemésio profere hoje, pelas 21.30, a conferência que tem por tema «Camilo e a Tradição Romântica do Romance Português».

Esta conferência é a última do Curso de Extensão Universitária sobre o Romance Português que a Sociedade Portuguesa de Escritores promoveu com o patrocínio da Fundação Gulbenkian.

Posto que tenha sido alterada a ordem lógica do curso, este vai ter um justo remate na palavra sábia do ilustre professor.

Programa da Visita do MINISTRO DA JUSTIÇA

Continuação da primeira página

inaugurará o edifício, procedendo à abertura da porta principal. No átrio, o Vigário Capitular da Diocese procederá à bênção do Palácio.

11.30 horas — *Sessão solene presidida pelo senhor Ministro da Justiça, na qual usarão de palavra os srs.: Dr. Tinoco de Faria, Juiz-ajudante do Círculo; Eng.º-agrónomo Henrique de Mascarenhas, Presidente do Município; Dr. Morais Sarmento, Juiz do 2.º Juízo, representando a Judicatura; Dr. Fernando Moreira, Conservador do Registo Civil, como representante dos conservadores e notários; Dr. A'lvaro Neves, Presidente da Delegação de Aveiro da Ordem dos Advogados; e o senhor Professor Doutor Antunes Varela.*

12.45 horas — *Visita ao edifício.*

13.30 horas — *Almoço oferecido pela Câmara Municipal ao senhor Ministro.*

Movimento da Lota

Durante o último mês de Junho, o peixe vendido na lota de Aveiro proporcionou um rendimento de 1.632.465$00 — 37.737$00 do pescado na Ria, 223.067$00 dos arrastões, e 1.371.661$00 das traineiras.

PELO HOSPITAL

Conforme oportunamente anunciámos, realizou-se, na terça-feira última, e no salão nobre do Hospital da Santa Casa, a cerimónia da posse da nova Direcção Clínica daquela benemérita instituição.

Presidiu ao acto o Presidente da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia, sr. Dr. Fernando Moreira, que se fez ladear pelo Vice-Presidente do Município, sr. Dr. Artur Alves Moreira; pelo Provedor, sr, Eng.º Manuel Simões Pontes; pelo Delegado de Saúde, sr. Dr. Domingues Afonso e Cunha; que também ali representava o Chefe do Distrito; pelo representante dos Hospitais Sub-regionais, sr. Dr. Alcino Couto; e pelos empossados, sr. drs. Manuel Marques da Silva Soares e Jorge Cardoso do Vale Leite da Silva, respectivamente Director e Sub-director clínicos do Hospital; e ainda pelo Director Clínico cessante, sr. Dr. Adérito Madeira.

Abriu a sessão o sr. Dr. Fernando Moreira, tendo seguidamente usado da palavra os srs. Eng.º Simões Pontes, drs. Adérito Madeira e Manuel Soares, e, por fim, para encerrar o acto, novamente o Presidente da Assembleia Geral da Santa Casa.

A cerimónia registou excepcional concorrência de publico.

✱ A Mesa da Santa Casa estuda a possibilidade de conceder regalias especiais aos associados que necessitem de secorrer a assistência hospitalar e clínica, estando já em preparação o projecto do respectivo regulamento, a apresentar em Assembleia Geral, que brevemente, e para o efeito, será convocada.

✱ Deram-nos a notícia de que o Hospital da Santa Casa da Misericórdia acaba de receber da Fundação Calouste Gulbenkian um donativo de 78.750$00.

É para nós motivo de grande satisfação poder transmitir aos nossos leitores este acto de generosidade, sem dúvida muito consolador.

Os aveirenses têm mais um motivo a obrigá-los a uma profunda gratidão à benemérita Fundação Calouste Gulbenkian, cuja obra merece incondicionais aplausos.

Carta de Lisboa

Continuações da última página

o fruto para a terra poeirenta. Muito em baixo o Zêzere passa, emagrecido e indolente. E o sol vai subindo em glória. Tudo é esforço. E o calor aperta e a água canta, escorre, serpenteia e trilha os sulcos que o sacho abriu e molha a terra seca. O moço assobia sempre e tapa aqui, fecha um desvio, abre acolá, e a água fresca obedece seguindo a regueira, dócil, deixando-se guiar pelo sacho do moço que assobia sempre.

Da eira sobe até mim o cheiro do feno que se aloira estendido ao sol. Chega o homem para o martírio, o homem dá à manivela e a debulhadora, toda ela, estremece e range de perra. O grão começa a cair, primeiro pouco, depois já faz punhado, depois em chuva a fazer monte, sempre a fazer monte, a cair, lindo, doirado, deixando no ar uma poalha de oiro em suspensão. E o grão ficou todo nu, em monte, para noutro martírio se transmutar em pão. E o homem ficou com a cabeça cheia de poalha de oiro e disse que a boca lhe sabia a pão.

....

O sol tomou altura e o gado recolheu. Já se calou o chiar da nora e o assobio do moço. Uma dormência quente envolve tudo. Só o sol fala nesta hora... e a cegarrega doida que, ao longe, insiste no seu cantar.

Lisboa, 26 de Junho de 1962

Gonçalo Nuno

A audição do Conservatório

Continuação da última página

a aprender. Se assim for, não custa muito prever o dia em que só por gentilesa cantará no palco onde há dois anos se estreou. A encerrar o programa o Grupo coral masculino sob a direcção da professora D. Maria Fernanda — a que profundas reservas anímicas irá esta senhora buscar energia física para tanto trabalho... — executou três números já de certa transcendência, com detalhes e particularidades que excedem em muito o requentado Orfeão de província.

Encerraram-se assim as actividades do Conservatório por este ano.

Ao seu distinto corpo docente deve a Cidade uma gratidão que gostaríamos de ver expressa oficialmente, dentro da competência que para o efeito tem, pela Comissão Municipal de Cultura.

A' «Fundação C. Gulbenkian» e à sua Administração, conjunto indissolúvel a que se ficará a dever o já palpável renascimento do amor pela Música na nossa terra, independentemente de agradecimentos oficiais e de votos de louvor platònicamente redigidos na linguagem «tabeliona» das Actas de Sessão, quereríamos todos os Aveirenses oferecer-lhe o prémio único digno do seu mecenato: que um aluno de cá, que um destes incipientes amadores viesse a transformar-se num Artista, mas um Artista!... Um destes seres que em Portugal vem faltando desde, talvez, Viana da Mota! Que fosse independente da gloríola oficial da E. N., um destes nomes estropiados na pronúncia de cem países, mas assim mesmo identificado, conhecido, universal.

João Artur

TELEFONE 23848 **TEATRO AVEIRENSE** APRESENTA

Sábado, 7, às 21.30 horas *(17 anos)*

Uma comédia francesa, cheia de espírito, interpretada por **Pascal Petit** e **Daniel Gélin**

JÚLIA, A RUIVA

Uma obra mestra do cinema policial britânico, com **Peter Sellers, Richard Todd** e **Elizabeth Sellers**

SEM OLHAR PARA TRÁS

Domingo, 8, às 15.30 e às 21.30 horas *(17 anos)*

Um poderoso e extraordinário filme em TECHNICOLOR, com **Robert Mitchum, Julie London, Gary Murril** e **Pedro Armendariz**

QUEM VENTOS SEMEIA

Quarta-feira, 11, às 21.30 horas *(17 anos)*

Reposição de um inolvidável filme interpretado por GRETA GARBO, JOHN GILBERT e LEWIS STONE

RAINHA CRISTINA

Quinta-feira, 12, às 21.30 horas *(12 anos)*

Uma hilariante comédia inglesa fora de série, com ROBERT MORLEY e MICHAEL REDGRAVE

O JUIZ E O VIGARISTA

Festival Folclórico

Hoje, com início às 21.30 horas, no Pavilhão Desportivo do Beira-Mar, efectua-se um festival de folclore regional, durante o qual se exibem o Rancho das Salineiras de Aveiro, o Grupo Folclórico «Tricanas de Aveiro» e o Rancho da Casa do Povo de Esgueira.

Colaboram ainda os conjuntos musicais «Os Três do Litoral» e «Três menos um».

Exames do 2.° grau

No Distrito de Aveiro, encontra-se a prestar provas de exame do 2.° grau do ensino primário elementar 9721 alunos, distribuidos por 154 júris.

Particularmente no Concelho de Aveiro, funcionam 11 júris, que examinarão 699 alunos.

A conferência de Eduardo Cerqueira nas Fábricas Aleluia

«Histórias e Aspectos de Aveiro» foi o tema proficientemente desenvolvido pelo nosso brilhante colaborador Eduardo Cerqueira, na noite de 29 de Junho findo, no vasto salão de festas das Fábricas Aleluia.

Numeroso público ali afluiu para escutar a voz autorizada do ilustre aveirense que evocou a vida local numa retrospectiva, ilustrada por elucidativas fotografias de antanho, especialmente do século passado.

A interessantíssima sessão foi precedida pela entrega de prémios aos empregados das Fábricas Aleluia classificados no «Concurso de Quadras Sanjoaninas», promovido pela meritória Acção Cultural daquela importante empresa.

Abriu a sessão o sr. Eng.° António Rodrigues Marinheiro Júnior, presidente daquele sector de cultura, e finalizou-a, com judiciosas considerações, o antigo e prestigiado professor sr. Dr. José Tavares.

cartões de visita

FAZEM ANOS

Hoje, 7 — A sr.ª D. Ana Gomes Vieira, esposa do sr. Ernesto Vieira; e o sr. Manuel Francisco do Casal.

Em 9 — A sr.ª D. Rosa do Céu Dias Melo, esposa do sr. Manuel dos Santos Melo; os srs. Dr. Manuel Dias da Costa Candal, José Nunes Ferreira Ramos, António Henriques de Oliveira e Silva, Floriano Gomes Gadim e Messias Manuel Martins Pereira; e as meninas Maria Isabel dos Santos Rocha, filha do sr. José Augusto Rocha, e Maria Luísa Catarino da Cunha Couceiro, filha do sr. Carlos da Cunha Couceiro.

Em 10 — O sr. António Fernandes; e a menina Paula Maria, filha do sr. Paulo Augusto Homem de Melo do Amaral Frazão.

Em 11 — A sr.ª D. Maria de Fátima de Pinho Moreira da Cruz, esposa do sr. Diamantino Manuel dos Reis Dias; os srs. Dr. Justino Ferreira e Dr. Fernando Alberto Curado Seiça Neves; a menina Maria Arlete, filha do sr. Emílio da Silva Campos; e o menino António Manuel, filho do sr. Manuel Maria da Maia.

Em 12 — As sr.as D. Maria Teresa Restani Graça Alves Moreira, esposa do sr. Tenente-coronel José Alves Moreira, e D. Laura Marques Ferreira Osório; os srs. Coronel José Nogueira da Costa Branco, Zeferino Augusto Soares, António Massadas Rino e Tenente José Augusto Rodrigues Almeida, dos Serviços Administrativos do *Litoral*.

NASCIMENTO

Na Casa de Saúde da Vera-Cruz, no pretérito sábado, dia 23, nasceu um filhinho ao casal da sr.ª D. Maria da Conceição Lopes Aguiar Paiva e Cunha e do sr. Raul Cunha.

Os nossos parabéns

BAPTIZADO

Na Sé Catedral de Aveiro, foi recentemente baptizado, com o nome de João Miguel, o quinto filho do casal da sr.ª Dr.ª Dulce Alves Souto e do sr. Dr. Paulo Catarino.

Serviram de padrinhos a sr.ª D. Rosa Paiva e o sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães.

PROMOÇÃO E TRANSFERÊNCIA

Acaba de ser promovido à 2.ª Classe, e colocado na chefia da Secção de Finanças de Oliveira de Azeméis, o nosso conterrâneo sr. Joaquim Coelho Huet e Silva, que proficientemente exercia idênticas funções em Sever do Vouga.

DOENTES

Apraz-nos registar o completo restabelecimento do nosso bom amigo e proficiente técnico do Grupo de Estudos dos C. T. T. sr. Eng.° Humberto Guerreiro.

VIMOS EM AVEIRO

★ Vimos nesta cidade o nosso bom amigo e distinto Inspector dos C. T. T. Joaquim Pinto do Amaral.

★ Também tivemos o prazer de cumprimentar o nosso amigo Arquitecto José Baptista Semide, que foi dilecto discípulo do Professor Auzelle, da Sorbonne, arquitecto-urbanista de renome mundial.

DE FÉRIAS

★ Encontra-se em Aveiro, a passar férias, o nosso conterrâneo e amigo sr. Dr. Manuel Fernando Soares da Costa Ferreira, ausente há cerca de dois anos, na cidade de Moncdene, no Canadá.

★ A passar férias, também está em Aveiro com seu filho, menino António Júlio, a sr.ª D. Laurinda Azevedo, esposa do nosso conterrâneo sr. António Eduardo Horta Azevedo, residentes nos Estados Unidos da América do Norte.

Dean Rusk em Portugal

Continuação da primeira página

afável, revelando uma absoluta confiança em si próprio, nas suas qualidades de estadista... e, sobretudo, — porque não dizê-lo? — no prestígio que julgava usufruir das prerrogativas de representante de um grande país, detentor de um poderio económico e militar que o acreditavam como «senhor respeitável», a quem todas as portas se franqueavam e todas as consciências se submetiam, vergando-se submissas e incondicionais, à manifestação dos seus desejos, dos seus interesses ou das suas justificações dialécticas. E das palavras que, nessa altura, ditou para a Imprensa, quer directamente quer por intermédio do secretário do Estado, adjunto, para a Informação, deixou transparecer uma antecipada vitória dos seus propósitos diplomáticos e resolutivos como se os agravos do seu País a Portugal, em todas as circunstâncias deprimentemente revelados, desde as declarações e votações atentórias contra os nossos direitos de soberania às ocorrências de Angola e da Índia, pertencessem a um passado já distante, e devessem ser considerados como factos consumados sem ração invocativa actual.

Desiludiu-se certamente, o sr. Dean Rusk; e ao rematar aqui a sua viagem — aqui na mais pequena Nação visitada, mas grande na alma e na sensibilidade — deve ter reconhecido, enfim, os tremendos erros que o seu País tem cometido nas zonas em que pretendia firmar a sua influência e dos perigos a que está sujeito o seu poderio económico e militar e o prestígio das normas e conceitos de liberdade e progresso que constituem o seu prepotente orgulho de grande Nação democrática e progressiva. E naquele momento em que descia, cabisbaixo e grave, as escadarias da Presidência do Conselho, devem ter-lhe perpassado pela mente, à luz de um claro entendimento, a pesar-lhe na consciência de estadista e de representante de um grande povo, a realidade trágica das divergências com a França, com a Alemanha Ocidental, com a Holanda, com a Bélgica... e, finalmente, com o nosso País, e isto para falarmos apenas no quadro europeu; e, entregue a um meditativo e significativo silêncio, deve ter continuado a sua viagem de regresso a congeminar que acima das fáceis persuasões e dos interesses materiais dos povos há que contar também com os seus direitos e as suas sensibilidades, que condicionam e caracterizam a sua vida e fundamentam as razões históricas das suas soberanias, que são também comuns a todos.

M. Lopes Rodrigues

Agradecimentos

D. Otília de Lemos

Otília de Lemos Cravo, vem agradecer a todas as pessoas que manifestaram o seu pezar pelo falecimento de sua saudosa tia e madrinha D. Otília de Lemos, e se dignaram acompanhá-la à sua última morada.

Aveiro, 2 Julho de 1962.

Apresentação Vilar das Neves

A família de Apresentação Vilar das Neves na impossibilidade de pessoalmente agradecer a quantos se associaram à sua dor e acompanharam a saudosa extinta à sua última morada, vem fazê-lo por este meio, a todos significando o seu profundo reconhecimento.

Fernanda Vélhinho

A família de Fernanda Vélhinho, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se associaram à sua dor e acompanharam a saudosa extinta à sua última morada, vem fazê-lo por este meio, e significando o seu profundo reconhecimento.

Cine-Teatro Avenida PROGRAMA DA SEMANA

TELEFONE 23343 —— AVEIRO

Domingo, 8, às 15.30 e às 21.30 horas *(17 anos)*

Yolanda Varela num excelente filme baseado numa novela de Marion Crawford

A IRMÃ BRANCA

Terça-feira, 10, às 21.30 horas *(12 anos)*

O melhor filme de **Danny Kaye**, ao lado de **Virginia Mayo**, em TECHNICOLOR

O HOMEM DAS 7 VIDAS

BREVEMENTE

- **Ela, o Diabo e Eu**
- **A Senda dos Elefantes**
- **Madalena e o Legionário**
- **Os Homens não Pensam noutra Coisa**

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Notário — Licenciado Joaquim Tavares da Silveira.

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de vinte e nove de Junho de mil novecentos e sessenta e dois, exarada de folhas quarenta e quatro a folhas de quarenta e seis, do livro próprio número cento e cinco-B-, deste cartório e minha nota, em que figuram como Primeiro outorgante justificante, Francisco Nunes Cabêlo, viúvo, proprietário, morador no lugar e freguesia de Aradas, concelho de Aveiro e dali natural, e como segundos outorgantes confirmantes, José Augusto Ferreira Nunes, comerciante; — José Simões Maio Júnior, também comerciante e António Ferreira Borralho, proprietário, e todos os três casados, moradores nos ditos lugar e freguesia de Aradas, daí naturais, foi outorgada uma justificação Notarial nos termos e para os efeitos do artigo noventa e nove do Código do Notariado e cento e noventa e oito do Código do Registo Predial, cujo extracto das declarações respectivas é o seguinte:

E disse o primeiro outorgante, — nos termos do artigo noventa e nove do Código do Notariado e para os efeitos do artigo cento e noventa e oito do Código do Registo Predial: — Que ele é, com exclusão de outrém, legítimo senhor e possuidor do seguinte prédio:

Terreno lavradio (ou terra de semeadura), donominado «Espêto», sito no sítio da Alfândega, limite e freguesia de Aradas, deste concelho de de Aveiro, — de produção de milho, com a área de novecentos e sessenta metros quadrados; a confinar do norte com herdeiros de Pedro Maio, sul e nascente com caminho de servidão, poente com Tereza Borralho e António Sarrico, — inscrito na matriz rustica, em nome dele outorgante, no artigo setecentos e quarenta e seis, com o rendimento colectavel de cento e vinte e oito escudos, a que corresponde o valor matricial corrigido de três mil e oitocentos e quarenta escudos, como tudo resulta duma certidão passada em onze de Junho corrente, pela Secção de Finanças deste concelho — que eu notário arquivo e do conhecimento adiante citado; e não descrito ainda na competente Conservatória do Registo Predial deste concelho, como se mostra da certidão ali passada em doze deste dito mês de Junho, e, que eu também arquivo.

Que, este prédio veio ao seu domínio e posse, por compra que dele fez, no mesmo seu estado de viúvo, a Severina de Moraes Ferreira, solteira, maior, proprietária, residente nesta cidade, e a Evaristo de Morais Ferreira, condutor de obras públicas e esposa Rita dos Santos proprietários, moradores na antigo rua Passeio Alegre, número trinta e oito, da vila de Espinho, pelo mesmo título ou documento de um de Maio de mil novecentos e quinze, e pelo preço de trinta escudos.

Que, da referida aquisição foi, como se alcança, lavrado Título; e foi paga também, prèviamente a sisa devida, esta em dezanove de Abril de mil novecentos e quinze, na Tesouraria da Fazenda Pública deste concelho, pelo conhecimento número setecentos e setenta e oito; porém, ao título formal caíu uma das estampilhas que o selava e sobre a qual haviam assinado os dois primeiros vendedores, que as inutilisavam: — pelo que, se acha impossibilitado de comprovar pelos meios normais (com documento bastante) a referida aquisição.

Disseram os segundos outorgantes: — Que, nos termos e para os efeitos dos artigos noventa e nove e cento e noventa e oito, dos Códigos acima referidos, expressamente confirmam as declarações supra, feitas pelo primeiro outorgante e como se por eles feitas fossem, — pois tudo isso é verdade e do seu inteiro conhecimento.

Disseram finalmente todos os outorgantes: — Que, ao prédio objecto da justificação sobredita, atribuem para esse acto o valor de quinze mil escudos.

É certidão parcial, que fiz extrair e vai conforme aos originais a que me reporto, e na parte omitida dos documentos nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, e Secretaria Notarial, cinco de Julho de mil novecentos e sessenta e dois.

O Notário,
Tavares da Silveira

Câmara Municipal de Aveiro

Caiação e pintura de prédios

EDITAL

Eng.º Agr.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que esta Câmara Municipal, em sua reunião de 4 de Maio corrente, deliberou chamar a atenção dos proprietários de prédios ou muros de vedação, deste concelho, para a obrigatoriedade da *limpeza, caiação e pintura* dos mesmos, nos termos do art.º 135.º do Regulamento Geral da Construção Urbana, em vigor.

Na área da cidade, a escolha da cor das pinturas exteriores deve ser submetida à aprovação da Comissão Municipal de Urbanização e Construção Civil. (§ 3.º do art.º 135.º).

As caiações, pintura e rebocos exteriores são isentas de taxas de licenças, quando na sua execução não seja preciso armar andaimes ou ocupar a via pública, necessitando, contudo, de prévia autorização da Câmara, solicitada em papel comum e em duplicado. (Art.º 266.º).

A falta de cumprimento do disposto no referido art.º 135.º do R. G. C. U. e seus §§, será punida com a multa de 200$00, elevada ao dobro em casos de reincidência.

A partir do dia *1 do próximo mês de Outubro*, proceder-se-á à fiscalização intensiva das disposições acima citadas e ao respectivo procedimento regulamentar.

Para constar, mandei passar o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Aveiro, 18 de Maio de 1962.

O Presidente da Câmara,
Henrique de Mascarenhas
Eng.º Agr.º

Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro
Av. Dr. Lourenço Peixinho - 110 - 3.º — Aveiro

Admissão de pessoal

Faz-se público que se encontra aberto concurso para admissão de aspirantes a título eventual.

Poderão candidatar-se os indivíduos do sexo masculino, maiores de 18 e menores de 35 anos, habilitados com o 2.º Ciclo liceal ou equivalente.

Aveiro, Junho de 1962

A Comissão Organizadora

Serviços Médico-Sociais
Federação de Caixas de Previdência
Sede: Avenida Manuel da Maia, n.º 58-2.º
LISBOA

AVISO

Admissão de Médicos Pediatras para o Posto Clínico n.º 50 (Aveiro)

Está aberto concurso documental de provimento, pelo prazo de 30 dias, a contar do dia 5 de Julho de 1962, para médicos pediatras do Posto Clínico n.º 50 (Aveiro).

As condições de admissão ao concurso encontram-se patentes na sede da Federação — Avenida Manuel da Maia, 58-2.º-Esq.º em Lisboa, na Delegação da Zona Centro (Rua Antero de Quental, 51-53-Coimbra) e no Posto Clínico em referência.

O prazo para entrega dos documentos, termina às 18 horas do dia 3 de Agosto de 1962.

Lisboa, 28 de Junho de 1962

A DIRECÇÃO

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que pelo segundo Juízo de Direito desta comarca de Aveiro, 1.ª Secção, e nos autos de inventário orfanológico a que se procedeu por óbito de Joaquim da Cruz Maia, que foi solteiro, lavrador, da Costa do Valado, agora em execução de sentença, que Maria da Silva Santos, viúva, doméstica, da Quinta do Picado, Bernardino Augusto, casado, empregado comercial, e Avelino Coelho, solteiro, maior, jornaleiro, estes da Costa do Valado, movem a Arménia de Jesus Carlos, solteira, maior, residente também na Costa do Valado, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação, citando os credores desconhecidos da executada para, no prazo de dez dias, virem aos autos deduzir os seus direitos, desde que gozem de garantia real sobre a coisa penhorada.

Aveiro, 30 de Junho de 1962

O Juiz de Direito,
Francisco Xavier de Morais Sarmento

O Chefe da Secção,
Américo de Casquilho de Faria

Litoral * N.º 402 - Aveiro, 7-7-1962

Câmara Municipal de Aveiro

Cemitérios Central e Sul

AVISO

1.ª publicação

Avisam-se os interessados, possuidores de jazigos, sarcófagos ou sepulturas, perpétuas ou reservadas, nos cemitérios da cidade, de que deverão proceder à sua beneficiação, limpeza ou outras obras de conservação, até ao dia *30 de Outubro* do ano em curso, sob pena de os mesmos serem considerados abandonados para os efeitos consignados no Regulamento em vigor.

Paços do Concelho de Aveiro, 1 de Julho de 1962

O Presidente da Câmara,
Henrique de Mascarenhas
Eng.º Agr.º

Impressões duma visita

— Continuação da primeira página —

felicidade. Como elemento decorativo não podia exigir-se mais.

Na sala de audiências do Tribunal Colectivo surge o rico tapete da Fábrica de Tapeçarias de Portalegre, que Guy Fino fez integrar, com notável primor técnico, no renascimento mundial deste género de decoração, iniciado há poucas décadas em França pelo pintor Lurçat. O tapete, sob cartão de Almada Negreiros, mostra-nos a Justiça de Salomão, com o Rei à esquerda, sentado no seu trono, no centro o menino e o carrasco de mão levantada entre as duas mães, uma serena e outra aflita. Desenho de marca inconfundível, expressão, movimento e cor — neste caso predominando insòlitamente o vermelho, o azul, o amarelo — com o toque característico de quem foi inovador, tanto na arte plástica como na literária. Foi tudo isso que fez de Almada Negreiros não só um arauto mas um paladino do movimento moderno em Portugal, na esteira do Futurismo. Espírito dos mais completos — desenhador, pintor, dramaturgo, coreógrafo —, o seu génio, que se tem afirmado em tantas realizações de vulto, de projecção além-fronteiras, veio enriquecer também a Casa da Justiça de Aveiro. Mais uma vez pôde o artista afirmar o seu próprio princípio de «congregar em torno da Arte todas as actividades do espírito português».

Na outra sala de audiências, para mim a mais rica, embora de menores dimensões, depara-se-nos o fresco de Martins Barata, que tem por tema central a figura ímpar de José Estêvão e os seus grandes serviços a Aveiro. Como aveirense, é sobre esta verdadeira obra-prima que me vou deter mais largamente, esforçando-me por exteriorizar as reacções que em mim despertou e procurando interpretar a intenção do grande mestre da pintura.

Ortega y Gasset diz, a propósito de Goya, que este excelso artista, oriundo do povo, só veio a compreender bem o povo, só o admirou e explicou, quando o seu génio singular o isolou do mesmo povo. A beleza e a nobreza da alma autêntica das gentes que constituem uma Nação, a sua generosidade e as suas hesitações, a sua solidez e as suas infantilidades, só são bem medidas à distância social a que obriga a ascensão aristocratizante do talento. Tal qual como o amor à nossa terra nos parece maior quando estamos longe dela, a selecção natural leva a alturas de onde, com melhor visão, se examinam todos os medíocres, os medianos e os melhores — o vulgo, enfim. Isto se deu com a interpretação de Martins Barata da imensurável e complexa figura de José Estêvão.

Das variadas incidências da sua personalidade acontece ser a oratória a mais conhecida; por isso se prefigura a sua representação em atitude declamatória e movimentada.

Porém, Martins Barata, com a honestidade intelectual e artística que lhe é própria, considerou que aquele aspecto, embora de grande dimensão, era apenas parcelar e que devia encontrar o «homem inteiro» e representá-lo da maneira mais plena e também mais digna — numa atitude calma e segura de si. Conseguiu-o: evidenciou o poder íntimo que a gigantesca figura de José Estêvão conteve e não a sua imagem em momento fugaz. A arte, para durar, não deve ser eloquente (no sentido melodramático), diz Berenson — e parece ter razão.

Curou Martins Barata de encontrar a indumentária que melhor correspondesse àquela intenção, mostrando José Estêvão vestindo com elegância. Aliás, já seu pai, o Dr. Luís Cipriano, trajou com requinte. É possível que isso seja motivo de surpresa, por não se estar habituado a ver o tribuno exigente no seu vestuário e, sobretudo, de cinta; mas esta fazia parte integrante do trajo de gala de então e tem a vantagem de realçar a curva do seu torso másculo, com o peito generoso e aberto, pronto a lançar-se ao ataque das ideias que lhe pareciam desacertadas ou à defesa das que tinha como justas.

Foi assim que o artista viu o «homem inteiro». E retratou-o com a subtileza e segurança que caracterizam as suas produções e o guindaram ao plano dos maiores mestres de pintura das últimas décadas.

Desejou Martins Barata encontrar, para servir de modelo à cabeça de José Estêvão, um retrato que na família fosse tido como o que melhor representasse o retratado. Acompanhei para tanto o artista ao palacete de Moreira da Maia onde as ilustres Senhoras, netas do preclaro aveirense, que conservam religiosamente tudo quanto foi ou se prende com seu augusto Avô, lhe apresentaram o retrato que sua Avó Dona Rita sempre teve por mais fiel de entre os muitos de seu Marido, e como tal o conservou junto de si. Foi esse retrato escrupulosamente estudado e reproduzido por Martins Barata. Não será tão belo como a cabeça cansada, mas altiva, que serviu de base à tela do imortal Columbano para os Passos Perdidos da Assembleia Nacional. Mas tem o interesse do valioso testemunho da Senhora que foi sua Esposa e ainda o mérito de ser dos melhores tempos da sua vida — de luta constante, de sofrimento, de dádiva permanente à Pátria e a nobres ideais.

A rodear a figura de José Estêvão assinalam-se no fresco os grandes serviços prestados à nossa terra: a passagem do caminho de ferro por Aveiro, para o que teve de desenvolver intensa acção, dado que o projecto da companhia continha um traçado bem diferente. Chegaram a oferecer-lhe 100 contos desse tempo (hoje seriam muitos milhares) para ele desistir do intento, oferta que dignamente repeliu; a construção da estrada, pelo meio da Ria, até à Costa Nova; as obras do porto de Mar; a construção do Liceu. Lá figura ainda o histórico palheiro, daquela praia a que ele tanto queria, e escolheu como prenda de casamento para sua Mulher — a mais valiosa que podia ofertar-lhe. Lá está o Batalhão Académico das lutas liberais, ao serviço do qual se cobriu de glória, por feitos heróicos que lhe valeram dois graus da Torre e Espada. A farda dos seus figurantes reproduz com fidelidade a que foi realmente usada pelos componentes do Batalhão — estudantes que tudo abandonaram para se entregarem, de armas nas mãos, às lutas pela liberdade. Ao centro, surge o cabeçalho do jornal «O Portugal Velho», órgão absolutista que, processado pelo crime de abuso de liberdade de imprensa, é defendido pelo advogado José Estêvão, em cuja audiência ele proferiria um dos seus mais belos e empolgantes discursos — exemplo magnífico de espírito de tolerância e de entranhado amor à liberdade. Três cintas recordam os seus três mais notáveis discursos: Porto Pireu, Charles & George e Irmãs da Caridade.

Tudo isto forma conjunto de surpreendente beleza, em que a suavidade da cor se junta à harmonia da figura e dos elementos que a rodeiam, à interpretação magistral, à verdade plena. Martins Barata tratou o tema com particular carinho e com a exigência atística que fez dele um dos grandes da pintura portuguesa, cujas produções há muito encontraram honroso poiso em museus ou nas paredes de palácios, como o de São Bento e tantos outros. E' para a nossa terra motivo de orgulho guardar de tão emérito artista um trabalho como este do Tribunal, obra que, por si, seria bastante para o consagrar — se ele ainda carecesse de consagração.

Agora, os tais pequenos reparos. O primeiro prende-se com o exterior e surge imprevistamente.

Quando Rodrigues Lima, arquitecto de largos recursos e de concepções arrojadas, mas cheias de equilíbrio, a quem se devem trabalhos como o Palácio da Justiça do Porto — verdadeira obra-prima —, o Teatro Monumental em Lisboa e o nosso Teatro Avenida, fez o projecto do Tribunal de Aveiro, não estava prevista a abertura de uma rua a Poente do edifício. Julgo que só muito depois, já quando as obras se aproximavam da fase final, surgiu, com muita felicidade, a ideia de se abrir a tal rua. Ficou ela com 25 metros de largura, dimensão de autêntica avenida. Revolucionou, para melhor, toda aquela zona. Simplesmente, o Palácio ficou a ter, na realidade, duas frentes. E a que dá para a nova rua não fora delineada para satisfazer tal exigência, uma vez que não estava prevista para fachada. Penso, porém, ser fácil melhorar-lhe alguns aspectos menos estéticos e valorizá-la. Entre outros, parece-me viável tirar à garagem o ar próprio de armazém. O edifício merece-o e o enquadramento dado pela nova rua pede-o. Também a parede que dá para a rua de Gustavo Ferreira Pinto Basto pode e deve ser um pouco enriquecida. E' artéria de intenso tráfego. De passagem obrigatória.

Em todo o exterior do edifício, deparam-se-nos desagradáveis ondulações no mosaico de revestimento; uma chaminé à vista, do lado Poente, tanto como uns degraus de acesso ao último terraço, visíveis da Rua de Pinto Basto, diminuem bastante a nobreza da magnífica construção. O mau acabamento dos bem desenhados portões da fachada principal destoa da perfeição do conjunto; e, finalmente, parece-nos defeituosa a implantação da figura da Justiça: é exíguo o supedâneo que a sustenta, particularmente na parte anterior; e o bronze não encosta ao muro, que deverá servir-lhe de fundo aderente.

Não duvido de que o espírito rasgado do ilustre Ministro, ao apreciar o majestoso edifício com seus olhos perscrutadores, hesite em investir mais umas dezenas de contos no propósito louvável de eliminar qualquer senão desta obra grandiosa. Também no interior somos um pouco afectados pelo contraste entre o mobiliário e decoração do registo e notariado e o do tribunal pròpriamente dito. Aquele não corresponde, mesmo em dignidade, à imponência da casa. O alto espírito de justiça do Doutor Antunes Varela não permitirá, por certo, quando visitar as instalações, que o contraste se mantenha. Assim se espera e deseja.

Devo a possibilidade da visita que fiz ao Palácio a amável deferência do distinto magistrado Dr. Tinoco de Faria, que levou a sua gentileza ao extremo de me acompanhar, prestando-me preciosos esclarecimentos. O Dr. Tinoco de Faria, com a colaboração técnica do Eng.º Nóbrega Canelas — um funcionário competente, zeloso, compreensivo e que justìssimamente conquistou na nossa terra gerais simpatias —, foi o homem a quem o Professor Antunes Varela confiou a missão delicada de seguir, em todos os pormenores, as obras do Tribunal. Difícil seria encontrar quem, com mais ajustado critério, dedicação, diligência e sensibilidade cumprisse a tarefa. O integérrimo magistrado é digno do maior louvor.

Não posso calar uma palavra de enaltecimento ao trabalho da brigada prisional. Foi feito a primor. Chega a ser quase inacreditável! Os acabamentos, com raras excepções, parecem de verdadeiros peritos. Em boa hora foi criada a brigada. Grande escola de reeducação! Todo o que por ela passe há-de ser, forçosamente, um recuperado, na ampla acepção da palavra. Não há dúvida de que temos progredido muito no domínio penal.

A visita que fiz ao Palácio, e de que deixo aqui mal alinhavadas impressões, mais avolumou os meus sentimentos de gratidão, de aveirense, para com o operoso Ministro da Justiça. Depois do Palácio do Porto, este é o mais rico e o mais belo de quantos se têm erguido por esse Portugal. Ele fica a ser padrão de uma época de grandes iniciativas, já assinalada na nossa terra por dezenas de realizações, entre as quais sobressai a do porto do mar.

Tem o Professor Antunes Varela direito às maiores e melhores homenagens. Que elas lhes sejam prestadas por todos, sem excepção, — pelo que fez e pela compreensão que revelou do espírito aveirense, que tanto prezamos.

Francisco do Vale Guimarães

Principais características do

PALÁCIO DA JUSTIÇA

Continuação da primeira página

funcionar duas salas para audiências. Uma delas, a menor, é decorada com um fresco em que a figura central é o grande tribuno aveirense José Estêvão, com uma alegoria alusiva à sua actividade política. — É autor desta pintura o Professor Martins Barata.

A sala maior de audiências é adornada com uma tapeçaria sob cartão do pintor Almada Negreiros. É seu motivo um acto da Justiça de Salomão.

Na área restante deste segundo piso encontram-se distribuídos os vários serviços da comarca de Aveiro, com gabinetes independentes para o Inspector Judiciário, para o Corregedor do Círculo, para os três Juízes da Comarca (1.º Juízo, 2.º Juízo e Juiz ajudante) e para o Delegado do Ministério Público.

Uma ampla Secretaria Judicial desenvolve-se em grande parte desde o segundo pavimento.

Anexo a esta, situa-se um gabinete destinado ao Chefe da Secretaria.

Há ainda uma sala de reuniões do tribunal colectivo, uma sala para os advogados, uma sala para a instrução preparatória e uma outra para testemunhas.

O terceiro e último pavimento destina-se apenas a arquivos. Uma das paredes do «hall» principal e abrangendo o primeiro e segundo pavimentos é revestido com um painel em mosaico representativo das obras de Misericórdia. É seu autor o Professor António Lino.

Exteriormente ao edifício, e num dos panos salientes da sua fachada principal, está colocada a figura da Justiça. É autor desta obra de arte o Escultor Euclides Vaz.

A AUDIÇÃO DO CONSERVATÓRIO
no Teatro Aveirense

NOTAS DE JOÃO ARTUR

música

Genuidade e Pureza, eis o que terá ocorrido até ao mais impermeável e insensibilisado dos espectadores do recital da passada segunda-feira.

Genuidade, a filiar integralmente na competência pedagógica do corpo docente do Conservatório, e Pureza, essa hoje tão arredia qualidade, só possível mercê de autêntica *vivência* musical e artística, absorvida dia a dia num ambiente de compreensivo amor e nível espiritual elevado.

Adivinha-se o laborioso desenrolar do ano lectivo, subordinado à tortuosa problemàtica dos horários quási incompatíveis, aos mil pequenos óbices individuais, ao natural irrequietismo infantil, e tem de admirar-se a obra do Professorado do Conservatório e agradecer-se-lhe o somatório de sacrifícios e canseiras dispendidos. Para lá da competência, do saber, da técnica — tudo isso aparelho profissional — saiba-se reconhecer o *quantum satis* de humana afabilidade e trato para que aquelas meninas e meninos não nos surgissem como monstrosinhos de sapiência, linearmente perfilados, ansiando todavia pelo fim do jugo.

*

Abriram o programa as Classes de Iniciação Musical com números de singular efeito, não obstante a sua simplicidade; o aproveitamento do sentido inato do ritmo — «Ao princípio era o ritmo...» — e da sensibilidade natural são, trabalhadas e controladas, o suporte sobre que será possível construir uma educação musical; a classe que se exibiu em segundo lugar, com instrumentos de percurssão, um «clarinete» e campainhas deu uma exacta medida da genuidade e pureza referidas.

Depois, o Canto Coral Infantil, executado já com certa intenção, mercê das gradações de volume impostas pela Professora e acatadas pelo grupo.

Seguiu-se a Classe de Piano englobando *aprendizes* e iniciados; destes, destaque-se o Armando Vidal tanto pela limpidez e facilidade com que executou a *Opus 79* de Beethoven, como pelo exaustivo e atento trabalho que teve no decorrer de todo o programa como acompanhante.

Da Classe de Violino, o Teixeira Ferreira teve de haver-se com o I Andamento de um Concerto de Kreutzer e fê-lo com brilho e consciência técnica a-pesar-de momentâneamente perturbado por vulgar lapso de memória; a peça não é nada fácil e parece propositadamente eriçada de «nós de víbora», espécie de vingança póstuma dos *virtuose* quando compõem para o seu instrumento.

A Classe de Ballet com uma graciosa solista e o corpo de baile de palmo e meio foi um breve momento de encanto, de levêsa e graciosidade a patentear o real interesse que a Arte consegue despertar até mesmo em ambiente aparentemente menos receptivo.

Outra Classe instrumental, a de Violoncelo, trouxe até à assistência o conhecimento dos prodígios de paciência, dedicação e saber do Professor do difícil instrumento e da dedicação dos seus discípulos para obter o resultado exibido. Anote-se a presença, entre os alunos, de um conhecido executante de contra-baixo que, vencendo quaisquer inibições, inicia agora o estudo do violoncelo num gesto de amadorismo puro que, francamente, já não julgávamos possível nos tempos actuais.

Uma outra Classe de Piano veio ao palco com os irmãos Branco Lopes, 6 e 7 anos de prodigiosa intuição e domínio; três primeiranistas cheios de presença e um aluno mais evoluído, o P.e Arménio, entusiasta que tenta ultrapassar as limitações técnicas do seu 4.º ano com uma execução fremente, talvez confusa, mas desbordante de sinceridade.

Da Classe de Canto só Mário Mateus se apresentou. Os progressos verificados em relação ao ano passado são nítidos e brilhantes; sem ter sofrido quebra das suas qualidades potenciais, ganhou imensamente na dicção, adquiriu sentido da proporção do volume, aprendeu a não mostrar a dificuldade de obter as notas de registo mais ingrato, e, sobretudo, começa a saber interpretar. Deu-nos disso prova ao «conter-se», sacrificando o fulgor, no seu primeiro número e expandindo-se e libertando-se na ária wagneriana. Oxalá M. Mateus possa querer continuar

Continua na página 4

A Classe de Canto Coral (Infantil), da Professora D. Maria Fernanda Correia Salgado

Um grupo de pequenas bailarinas (dos 5 aos 9 anos), da Classe de Ballet da Professora D. Madília Braga Dias

Os alunos da Classe Iniciação Musical, da Professora D. Melina Rebelo

Ao lado — *Maria José Tigre, uma graciosa aluna da Classe de Ballet da Professora D. Madília Braga Dias.* Em baixo — *Um grupo de professores e alunos do Conservatório Regional de Aveiro, no final da audição de segunda-feira*

Fotografias de **FOTO RAPID & ROLEIFOTO**

Carta de Lisboa

O nosso ronceirismo, ou com mais propriedade, o ronceirismo lisboeta, continua a dar as suas provas. Mas que havemos de fazer-lhe? Esta mescla de sangue mouro que nos circula nas veias a este temperamento de meridionais têm que marcar a sua presença. Depois, um dia, não se sabe como nem porquê, surge uma espevitadela vinda não se sabe donde, nem de quem, arrancamos para as iniciativas e embriagamo-nos então com a própria vibração e significado delas. E sem nos darmos conta de que vimos como retardatários, envaidecemo-nos e orgulhamo-nos do que se processa como se foramos precursores.

Foi assim com os Hoteis. Lisboa não os tinha e hoje, todavia, nada há a dizer a esse respeito.

Foi assim com os Super-Mercados. Lisboa não os tinha ainda e começaram agora a estar na moda e a aparecer em todos os bairros.

Vai ser assim com os restaurantes «self-service». Lisboa não os tem, mas vai começar e, de repente, nós próprios nos surpreenderemos com a profusão.

E' a regra lisboeta que, assim o cremos, uma vez mais se vai verificar.

alinhavos

por GONÇALO NUNO

PELA janela aberta entra-me o silêncio da serra cortado apenas, de espaço a espaço, pelo bom-dia jovial do cuco ou o grasnar dos corvos. Pela janela aberta entra-me o cheiro dos pinhais e das estevas que uma brisa fresca empurra pelos ares. Daí a pouco, com o crescer da manhã, as serras em redor vão-se iluminando e recortam no azul os lombos arredondados, o pinhal afirma melhor o seu verde e toda a quinta desperta para a labuta que começa com um sol que ainda menino é já gigante.

O gado, com a «Riscada» e a «Malhada» à frente, largou do alpendre logo pela manhãsinha, serra abaixo serra acima, com os seus chocalhos a tilintar matinas; o macho já foi atrelado à nora e roda, e sua, e roda, roda sempre na manhã quente com um abanar de cauda triste a espanejar o mosquedo teimoso; a nora geme, geme lamentos naquele esforço de trazer cá acima a água fresca que logo lhe foge, volúvel, esgueirando-se a cantaricar por entre os milhos.

O calor vai apertando e este silêncio quente enche-se de mil zumbidos a fazerem coro com a doidice das cegarregas. Lá em baixo, para lá da caminheira, a uva engorda sem pressa e as macieiras vão aligeirando

Continua na página 4